

CULTURA VIVA: O GUERREIRO COMO FORMA DE MANIFESTAÇÃO PATRIMONIAL

Ane Beatriz Vitorino de Oliveira Silva¹

Antonio Barbosa Neto²

Gustavo Henrique Valencio³

Andressa Sayrone Bezerra de Oliveira⁴

José Lidemberg de Sousa Lopes⁵

RESUMO

Entre fitas e coreografias, o guerreiro configura uma das mais antigas manifestações patrimoniais e culturais do Estado de Alagoas, agregando em sua representatividade elementos artísticos como a dança, a música, o figurino e as alegorias. Nesse interim e com a finalidade de contribuir significativamente para o enriquecimento do conteúdo didático escolar no que tange a abordagem pedagógica, este trabalho tem o fito de elucidar a sua relevância ao trabalhar a temática dos patrimônios alagoanos em função de reviver a cultura do Estado. Desse modo, os bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) alocados em uma das Escola-Campo de União dos Palmares – Alagoas, buscam, por meio da oficina intitulada “Cultura viva: o guerreiro como forma de manifestação patrimonial”, manter acesa a chama da tradicionalidade, promovendo práticas educativas capazes de perpetuar a preservação da história do patrimônio e as raízes comemorativas do Estado, valorizando os saberes locais e atrelando-os à necessidade de proteção dos festejos patrimoniais presentes na cultura alagoana. Nessa perspectiva o trabalho desenvolvido teve como alicerce autores como Paulo Freire, Theo Brandão e Choay, que corroboram para o entendimento da alegoria enquanto símbolo e mecanismo social educativo, para além de um instrumento pedagógico eficiente para a proteção da memória viva no que tange o reconhecimento do patrimônio local. A oficina edifica-se através da construção dos elementos que pertencem ao Auto dos Guerreiros, tais como chapéus e figurinos, valendo-se de materiais como fitas, papelões, *strass* e papeis luminosos, em sequência à confecção das peças, as mesmas são apresentadas durante demonstração do exercício da dança. Em síntese um recurso de grande valor que busca rastrear grupos remanescentes que perpetuam a cultura folclórica do estado, submergindo aspectos identitários nos participantes da oficina, promovendo e desenvolvendo habilidades e competências que transcendem as teorias.

Palavras-chave: Folclore, Guerreiro, Educação, Patrimônio, PIBID.

INTRODUÇÃO

De que forma a educação patrimonial pode resgatar uma cultura do esquecimento inevitável? Essa questão permeia o estudo aqui exposto, de modo que visa notificar o

¹ Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, ane.silva.2022@alunos.uneal.edu.br;

² Graduando do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, antonio.neto.2023@alunos.uneal.edu.br;

³ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, gustavo.valencio.2023@alunos.uneal.edu.br;

⁴ Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, andressa.oliveira.2024@alunos.uneal.edu.br;

⁵ Professor orientador: Doutor, Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, lidemberg.lopes@uneal.edu.br.





desaparecimento da cultura do guerreiro no município de União dos Palmares, Alagoas. O referido município está situado na Zona da Mata alagoana, destaca-se por sua rica história, cultura e geografia. Este possui um grande potencial cultural, especialmente ligado à importância histórica do Quilombo dos Palmares e à natureza abundante da região.

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN):

“A Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera-se, ainda, que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio da participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de patrimônio cultural.” (IPHAN, 2014)

Nas últimas décadas é possível identificar o surgimento de um novo segmento: a educação patrimonial. No entanto, o que verifica-se é a escassez da sua validação dentro das escolas, bem como o déficit de registros que apontem aspectos simbólicos das manifestações culturais e patrimoniais, sejam elas tangíveis ou intangíveis.

Nesse cenário, a Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Campus V em União dos Palmares, desenvolve o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). O projeto associado, “As escolas e seus sujeitos trilham suas memórias: a Educação Patrimonial como ferramenta educacional no ensino da região serrana dos quilombos em Alagoas”, visa empregar a Educação Patrimonial para reforçar o ensino e valorizar a cultura local nas escolas de União dos Palmares.

Diante disto, o PIBID, instituído em 2007 pela Lei nº 11.502/2007, é fomentado pelo Ministério da Educação (MEC) e gerido pela CAPES. Seu objetivo principal é introduzir os estudantes de licenciatura nas escolas públicas de educação básica logo no início do curso, garantindo uma sólida integração entre teoria e prática para formar professores mais capacitados.

Posto isso, a Educação Patrimonial é vista como crucial no ensino de Geografia para formar cidadãos críticos e conscientes de sua história e território. Ela oferece novas perspectivas sobre espaços e amplia a compreensão da memória coletiva e dos bens culturais, sejam eles materiais ou imateriais. No entanto, esse patrimônio é frequentemente negligenciado pelo poder público e pela falta de mobilização social.



Inserida nesse contexto, a Educação Patrimonial é fundamental para valorizar e conservar o patrimônio cultural e artístico. Ao promover o reconhecimento da memória e da identidade, ela estimula o senso de pertencimento e a participação comunitária na preservação dos bens. Em ambientes educacionais, contribui para a formação cidadã, conectando os indivíduos às suas raízes.

Integrar essa temática no cotidiano das escolas públicas, especialmente nas comunidades rurais de União dos Palmares, é tanto uma urgência quanto um desafio significativo. A escola é um espaço estratégico que pode fortalecer as identidades e preservar a memória, desde que haja um compromisso contínuo com ações educativas que valorizem a história e cultura locais. Portanto, o presente artigo se propõe a analisar a contribuição do PIBID na introdução de práticas de Educação Patrimonial, como a importância do folguedo dos guerreiros alagoanos, patrimônio cultural material e imaterial.

O GUERREIRO

Entre fitas e coreografias, o guerreiro configura uma das mais antigas manifestações culturais do Estado de Alagoas, agregando em sua representatividade elementos artísticos como a dança, a música, o figurino e as alegorias. Nessa perspectiva, é de suma importância compreender a sua origem até os dias de hoje, bem como as narrativas que permeiam o seu reconhecimento enquanto Patrimônio Imaterial do Estado de Alagoas em 2019.

De acordo com a literatura de Theo Brandão (2003) o primeiro a registrar o “auto dos Guerreiros” em Alagoas, foi o folclorista e antropólogo brasileiro Artur Ramos, o mesmo conta a sua chegada em 1935, como sendo uma mescla de elementos dos congos e caboclinhos, autos europeus peninsulares (Reis Mouros), Pastoris e festas totêmicas de origem africana e ameríndia, e, como elemento dominante, Bumba Meu Boi.

Nesse contexto, entende-se o Guerreiro como:

“uma fusão de Reisado com Caboclinho, ou ainda melhor uma modificação de auto dos Caboclinhos, com o acréscimo de fragmentos e personagens das Cheganças, (embaixadas de Rei moure ao General), e dos Pastoris (...)” (BRANDÃO, 2003)

Em seus trajes é possível identificar o uso de fitas, tecidos, adornos, lantejoulas e outras alegorias, todas muito coloridas e vibrantes que trazem em suas estruturas, recortes que evocam semelhanças das roupas dos nobres colonos.





Adaptados às condições econômicas e dos gostos pessoais dos grupos, usam fitas, espelhos, enfeites de aljôfar e natalinos, haja vista que a sua cultura está ligada à religiosidade cristã, adotando elementos sacros como forma de destacar a sua história, tal como a igreja em forma de chapéus, os palácios e catedrais, bem como as coroas, diademas e guarda-peitos, evocam lutas e guerrilhas.

O grupo de guerreiro contem aproximadamente 40 componentes, entre eles: Rei, Rainha, Contra-Mestre, dois Embaixadores, General, Lira, Índio Peri e seus vassalos, dois Mateus, dois Palhaços, as vezes uma Catirina, a Sereia, a Estrela de Ouro, Estrela Brilhante, Estrela Republicana, a Banda da Lua e as “Figuras” ou “Figural”. Destacando-se o Mestre, como sendo o principal responsável pelo grupo, administrando o canto, o tropel e grossa, coordenando o balé coletivo.

O Guerreiro não é apenas uma manifestação folclórica, este é um ato popular que, tradicionalmente, anuncia a chegada do Messias no ciclo natalino. Sua complexidade reside na fusão de teatro, canto e dança, revelando a miscigenação cultural brasileira com fortes raízes em tradições europeias, mas que é profundamente adaptado e enriquecido por influências indígenas e africanas.

Um dos momentos altos e que confere o nome à manifestação é a encenação da luta de espadas, que remete a antigas batalhas e disputas, adicionando um elemento dramático e performático que cativa o público. Essa manifestação é, portanto, um livro vivo da história e da fé de seu povo, acompanhado de instrumentos como a sanfona, o tambor, pandeiro e apitos usados pelo Mestre e Contra-Mestre. Vale salientar que o Guerreiro é uma tradição passada de pai para filho, de modo que a próxima geração dê continuidade ao trabalho da anterior. Contudo, os familiares de Caboclinho não tiveram o interesse em perpetuar a sua trajetória, fazendo com que a mesma caísse no esquecimento dos populares.

Atualmente, é possível encontrar grupos espalhados pelos municípios de Alagoas, tais como: Maceió, Arapiraca, Cajueiro, São Sebastião, Taquarana, Viçosa, Marimbondó, Capela, Junqueiro, Pilar, Lagoa da Canoa, Penedo, Paulo Jacinto e Igaci. No entanto, em União dos Palmares, com o falecimento de Antonio João da Silva, conhecido como Mestre Caboclinho, ou Caboclo Lino do Norte, o Guerreiro foi perdendo a sua popularidade no município. Com isso em mente, a finalidade do artigo é destrinchar a importância da Educação Patrimonial como mecanismo pedagógico para resgatar a cultura local, de modo a incentivar a pesquisa e aguçar



a curiosidade dos alunos assistidos pelo PIBID, buscando referenciar e mapear os grupos que perpetuam a tradição.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido na Escola Municipal Pedro Cândido da Silva (EMPCS), localizada no Assentamento Cavaco, na zona rural de União dos Palmares, contém 6 salas de aula e compreende as etapas da educação básica do 1º ao 9º ano do ensino fundamental. No entanto, o trabalho realizado concentra-se na turma do 8º ano, sob a justificativa de ser a turma assistida pelos autores da pesquisa.

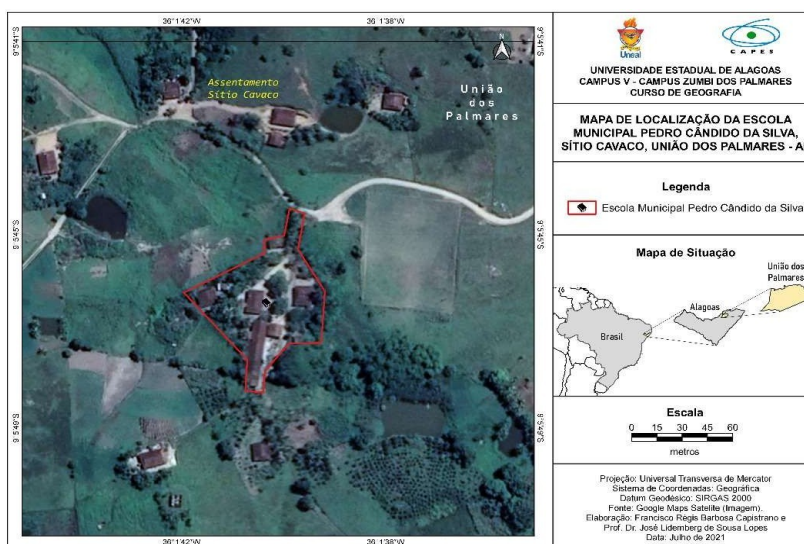


Figura 1: Mapa de Localização da Escola Municipal Pedro Cândido da Silva.
Elaborado: Francisco Régis Barbosa Capistrano e Prof. Dr. José Lidemberg de Sousa Lopes

Nos momentos que antecederam a aplicação das oficinas práticas, buscou-se rastrear quais grupos ou descendentes de Mestres, ainda residiam em União dos Palmares para que os mesmos pudessem ministrar oficinas ou rodas de conversa para apresentar aos alunos a origem do Guerreiro no município.

Durante as pesquisas, o mestre coreógrafo dos folguedos e patrimônio vivo do município supracitado, Edgar José Rosendo Tavares, revela que após o falecimento do Mestre Caboclinho, os familiares venderam as suas propriedades e passaram a residir em outra localidade, optando por não continuar o trabalho do mesmo, as demais pessoas que trabalhavam

com o Mestre Caboclinho, abandonaram seus postos e atualmente não transmitem os seus conhecimentos a terceiros.

Quando perguntado sobre o seu repertório no que se refere ao folguedos, Edgar indica não ter se aprofundado no guerreiro, pois os mesmos ficavam a cargo do Mestre Caboclinho, o qual se localizava no bairro Roberto Correia de Araujo, o coreógrafo ainda aponta outra localização no centro da cidade, porém este também perdeu a guerrilha contra o esquecimento.

Com este exposto, percebe-se que o apagamento dos guerreiros, estava mais acentuado do que foi articulado, dificultando o trabalho de realização deste artigo. Reitera-se que, mesmo sabendo da sua importância, não há registros catalogados e documentados em forma de arquivo para a realização de pesquisas dentro do município, impossibilitando a ideia inicial do presente trabalho, mapear os grupos remanescentes que mantinham acesa a chama da tradicionalidade.

Nessa perspectiva primeira etapa do processo metodológico, buscou rastrear os conhecimentos prévios dos estudantes, valorizando a escuta ativa sob a orientação dos bolsistas do PIBID, propondo um desenvolvimento pedagógico pautado no diálogo. Em segundo momento, como fonte de pesquisa e para abordar a temática com elementos ilustráveis, é exibido o documentário “Guerreiros são Guerreiros” (VIEIRA *et al.*, 2023).

No presente documentário é possível extrair valiosas informações com personalidades importantes, desde participantes de grupos de Guerreiro e até mesmo o escritor paraibano Ariano Suassuna. A partir do recurso audiovisual o trabalho ganha nova perspectiva, como forma de cativar os estudantes, o encontro seguinte volta-se para a oficina de confecção das peças utilizadas no Guerreiro.

Contudo, devido à escassez de recursos financeiros, a produção foi feita de forma simbólica, estudando os elementos que compõe a sua confecção, comparando-os ainda às peças encontradas no acervo do Museu Casa Maria Mariá, tais alegorias serviram como instrumentos norteadores para compreender melhor a importância de cada elemento.

Para melhor organização a sala foi dividida da seguinte forma: um grupo de seis alunos confeccionou o chapéu de igreja e outros dois grupos de cinco alunos cada,



confeccionaram duas espadas e duas coroas. No intuito de aproximar a sua semelhança às peças originais, foram utilizados papelões, fita crepe, papeis laminados de diversas cores, adornos, lantejoulas, colas, fitas adesivas refletoras e fitas de cetim.



Figura 2: grupo 1 confeccionando coroa e espada.
Fonte: acervo dos autores.



Figura 3: grupo 2 confeccionando coroa e espada.
Fonte: acervo dos autores.





Figura 5: resultado da oficina
Fonte: acervo dos autores

REFERENCIAL TEÓRICO

De forma norteadora, ao reunir perspectivas teóricas foi possível dimensionar e compreender a importância da aplicação da educação patrimonial para além de preservar, mas resgatar peças, alegorias e ainda personalidades que por muito foram esquecidas e negligenciadas, permitindo que a sua memória e trabalhos mantenham-se vivos perante o estudo da cultura local.

Segundo CHOAY:

“O culto que se rende hoje ao patrimônio histórico deve merecer de nós mais do que simples aprovação. Ele requer um questionamento, porque se constitui num elemento revelador, negligenciado, mas brilhante, de uma condição da sociedade e das questões que ela encerra. É desse ponto de vista que abordo o tema aqui.” (CHOAY, 2001)

Interpreta-se essa passagem como uma crítica à necessidade de não apenas admirar o patrimônio e suas alegorias, mas questionar, provocar e instigar a criticidade sobre o porquê e como esse patrimônio foi preservado, evocando a importância de compreender as problemáticas contemporâneas, valendo-se de uma visão histórica para desvendar desafios e





contradições para perpetuar a sua preservação, para além das suas condições estéticas, carregando em seu âmago os processos culturais que possibilitaram a sua construção.

Relaciona-se esse trecho ao estudo aqui exposto de modo a denunciar o desgaste e esquecimento do Guerreiro em União dos Palmares. Se um povo sem cultura é um povo sem história, os questionamentos que potencialmente poderiam reascender a chama do referido folguedo, são aterrados sob novas tendências que sobrepõe-se a tradicionalidade.

Como forma de abraçar tais registros, encontra-se em Maceió o Museu Théo Brandão que guarda em suas paredes a história de diversos contos folclóricos e dos patrimônios do estado de Alagoas. Tal construção torna-se possível em consonância com os registros feitos pelo mesmo, revelando a necessidade de catalogar os patrimônios pertencentes na sociedade como um todo.

Deste modo que entende-se a proteção à documentação como um instrumento indispensável para resistir ao esquecimento provocado pelo tempo. Ao entrevistar o Edgar José, o mesmo pontuou que toda a célula de lembrança do grupo de Guerreiro, estava degradando-se em uma escola do município.

Tal situação culminou na perda de diversos materiais do acervo, somente após o resgate tardio, as peças restauradas encontram-se no Museu Casa Maria Mariá, que serviu de mecanismo norteador para os estudos aqui descritos. Detecta-se então que o conhecimento sobre a temática dentro do município extrapolam a escassez e transforma-se em descaso contínuo. Nesse interim, o trabalho realizado pautado em dignificar a restauração do patrimônio, torna-se ainda mais complexo, principalmente no que tange as formas de levar informações verídicas para a sala de aula.

Na perspectiva da educação libertadora de Freire:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor (FREIRE, 1967, p. 43).

A atuação da educação patrimonial dentro do quesito que o conhecimento da sua história e cultura possibilita ao indivíduo dinamizar o mundo e dominar a realidade, é imprescindível que a realização de práticas tais como as descritas neste trabalho, sejam incentivadas e promovidas de modo a inserir o sujeito na construção do pensamento consciente sobre o seu papel de participação na mudança dos panoramas atuais.





Outrossim, transformando os alunos em catalisadores sociais que ressignificam a busca e preservação do patrimônio histórico e cultural, visando interagir criticamente, refletindo o seu valor e modo de preservação para humanizar o processo de educação e compreensão cultural. Os dados expostos até aqui indicam os desafios que submergiram ao trabalhar a temática proposta. Sob a ótica de que a educação patrimonial deve prezar pela construção coletiva e democrática, valendo-se da participação das comunidades, uma das fontes que corroborou para

a estruturação do artigo foi o professor de geografia, formado pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, José Marcelo Pereira da Silva que em entrevista revelou mais detalhes sobre o convívio com Antonio João da Silva (Caboclinho), precursor do Guerreiro em União dos Palmares. Marcelo, que possui um *blog* pessoal onde descreve alguns acontecidos do município, e, entre eles, a história do Mestre Guerreiro, sendo então, o único registro conhecido que guarda a trajetória do mesmo, o *blog* possui um acervo valioso que passeia entre fotos e biografia do Mestre.



Figura 6: grupo de Guerreiros reunidos na antiga Estação Ferroviária
Fonte: José Marcelo Pereira da Silva

RESULTADO E DISCUSSÃO

A análise dos dados obtidos através de pesquisa bibliográfica, entrevistas e recursos audiovisuais, revela a riqueza do patrimônio cultural e sua urgência em ser inserido corretamente no cotidiano escolar. O esquecimento de grupos de folguedos, em especial o Guerreiro, traz consigo uma mensagem dolorosa: cada vez mais a tradicionalidade está





perdendo espaço no mundo contemporâneo. Sendo imprescindível o exercício da cidadania por meio da valorização de ambientes carregados de cultura, sejam elas tangíveis ou não.

Revela ainda a necessidade de criar catalogações e subsidiar propostas de trabalho que visem a revitalização do âmbito cultural, patrimonial e histórico. As práticas aplicadas com os estudantes da Escola Municipal Pedro Cândido da Silva, corresponderam às expectativas dos autores. No entanto, a dificuldade de contato com grupos de Guerreiros de outros municípios impossibilitou a visita a ensaios e a terceira etapa prevista: a oficina de dança com os Mestres.

Apesar dos contratemplos, a devolutiva dos estudantes foi satisfatória, uma vez que a

proposta foi cumprida com êxito no que tange a compreensão da sua origem, importância e conservação, bem como a prática de reproduzir algumas das peças encontradas no Museu Casa Maria Mariá.

Salienta-se que mesmo que os grupos Guerreiros tradicionais sofreram o esquecimento no município de União dos Palmares, é possível encontrar projetos como o Projeto de Extensão Artifal, do Instituto Federal de Alagoas – IFAL, Campus Murici, coordenado pela professora Raphaella Peixoto, denominado “Andanças”, onde o seu objetivo é resgatar a aspectos culturais com a utilização de expressões artísticas, culminando em um balé étnico e folclórico.

Em entrevista com a professora Raphaella, a mesma diz atribuir elementos pontuais de alguns folguedos de sua infância, tais como Taiera, Baiana e Coco de Roda. Raphaella, assim como Edgar, reconhece a importância de resgatar os folguedos do estado, cuidando para não desprezar a cultura passada entre as famílias, mas sem deixar de prestigiar esses símbolos como forma de tributo.

O projeto do PIBID, conta ainda com a inclusão da tecnologia para atribuir e integrar as novas ferramentas digitais para favorecer a ampliação dos trabalhos realizados. Deste modo, o próximo passo para a continuar o resgate ao Guerreiro, é maximizar a fonte de informações sobre este patrimônio alagoano, transformando-as em material de didático a ser entregue na Escola Municipal Pedro Cândido da Silva e disponibilizado digitalmente nas redes sociais do programa, buscando dinamizar e facilitar o acesso a fontes de pesquisa confiáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS





Em suma, o trabalho desperta tanto os bolsistas quanto os estudantes assistidos a transpor os desafios do apagamento da cultura local, investigando a sua origem e formas de restaurá-la. Com os dados expostos é possível responder à pergunta realizada no início do artigo, a educação patrimonial pode resgatar uma cultura do esquecimento inevitável mediante o seu resgate, difundindo em diversos meios de comunicação valendo-se da influência midiática para promover artistas locais e suas criações, uma vez que as principais queixas relacionadas ao desinteresse em perpetuar a tradição, é a defasagem do reconhecimento do trabalho realizado, seja com condecorações institucionais, financeiras ou populares. Nessa perspectiva, a documentação regulamentada e devidamente armazenada é a principal ferramenta no que

tange a problemática de rastrear os segmentos supracitados. O desafio final é manter acesa a tradicionalidade na contemporaneidade de modo a cativar as próximas gerações a guardarem o tesouro cultural e local.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) pelo apoio financeiro que viabilizou este estudo, ao professor José Marcelo Pereira da Silva, por contribuir para o enriquecimento deste trabalho e à professora Raphaella Peixoto pelo tempo dedicado a compartilhar as suas experiências.

REFERENCIAS

ALAGOAS. Secretaria de Estado da Cultura e Economia Criativa. **Alagoas, seus folguedos e suas danças**. 2ª Edição (Ampliada e Revisada). Maceió, 2023.

BRANDÃO, Théo. **O Guerreiro. Folguedos Natalinos**. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, Museu Théo Brandão, 2003.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos**. Brasília: IPHAN, 2014.

BRASIL. **Lei nº 11.502, de 11 de julho de 2007**. Modifica as competências e a estrutura organizacional da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Edição federal, Brasília, 2007.





CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução: Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade; Editora UNESP, 2001.

JMARCELO FOTOS. **Mestre Caboco Linho e amigos violeiros dos Estados de Alagoas e Pernambuco**. Blog, 26 mar. 2013. Disponível em: <https://jmarcelofotos.blogspot.com> Acesso em: 01 de set. 2025

PAULO, Freire. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra LTDA, v. 199, 1967

SOUZA, Iara Ferreira de. **"Eu sou alagoano, aonde o Guerreiro mora": uma etnografia sobre o compartilhamento de fotografias de Guerreiro do Arquivo Etnográfico de Théo Brandão**. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

VIEIRA, Jayson et al. **Guerreiros são Guerreiros**. YouTube, 2022. Canal: Sobre Alagoas. Disponível em: <https://youtu.be/UalIZ3XLTZE?si=MzDrXq5UOnWteK1g> Acesso em: 01 set. 2025.

